



**PACTO
CONTRA
A FOME**

Boletim Mensal

**Monitoramento da
Inflação dos alimentos
no Brasil**

Julho de 2025



/Pacto Contra a Fome



/Pacto Contra a Fome



@pactocontrafome



pactocontrafome.org

Introdução

Este material é um esforço do Pacto Contra a Fome em monitorar a inflação alimentar no cotidiano das famílias brasileiras, com o objetivo de **promover debates** e fomentar uma agenda de políticas públicas e ações da sociedade civil que **asseguem o direito humano à alimentação adequada (DHAA)**.

Contexto

O cenário macroeconômico global em junho foi marcado pela **continuidade de incertezas internacionais**, com destaque para as ações dos Estados Unidos; apesar do “tarifaço” anunciado em abril, os impactos inflacionários ainda são incipientes nos dados oficiais americanos, não temos sinais mais claros vindo do Federal Reserve para um ciclo de queda dos juros básicos, ação que impactaria a economia brasileira. Esse **ambiente de incerteza tem favorecido uma reversão parcial no fortalecimento do dólar** observado anteriormente, promovendo, assim, uma **valorização relativa de moedas emergentes, inclusive o real**.

No Brasil, a **economia apresenta sinais de desaceleração moderada no segundo trimestre**, após um início de ano impulsionado pela agropecuária e pela formação bruta de capital fixo. Temos uma taxa de desocupação de 6,2% conforme última PNAD Contínua, o **menor patamar em 13 anos**, mostrando ainda **aquecimento do mercado de trabalho**. O Banco Central, em sua última reunião do Copom, **optou por manter a taxa Selic em patamar elevado (15,00%)**, reforçando ações de controle inflacionário e reforçando um **movimento de freio econômico**.

Essa desaceleração ocorre em um **contexto fiscal complexo**. A equipe econômica federal tem demonstrado esforço para cumprir o novo arcabouço fiscal, com bloqueios e contingenciamentos que visam conter o crescimento das despesas primárias, mas isso ainda **não repercute nas expectativas e projeções**.

Em termos de inflação, o IPCA **manteve trajetória de desaceleração, beneficiado principalmente por alimentos**, que possui maior peso no índice, e subitens como combustíveis. Efeitos defasados da valorização cambial também impactaram positivamente diversos itens, o real se fortaleceu, situando-se abaixo de R\$5,60 por dólar, refletindo a combinação de bons resultados da balança comercial.

Para os alimentos, **o efeito da valorização cambial é especialmente relevante. Embora ainda não se observe queda generalizada nos preços, o dólar mais fraco reduz pressões sobre insumos importados, fertilizantes e commodities, atenuando o repasse aos preços ao consumidor.** No entanto, é importante sublinhar que esse alívio se dá por meio da **desaceleração do ritmo de aumento de preços, e não necessariamente por deflação generalizada.** Além disso, a safra recorde de grãos em 2025 contribui para manter a oferta estável.

Do ponto de vista distributivo, a combinação entre câmbio valorizado, contenção parcial dos preços administrados e recomposição da massa salarial têm efeito duplo: **alivia parcialmente o custo da alimentação para as famílias mais pobres, mas mantém o desafio estrutural, como a prioridade nos gastos entre habitação e saúde em contraposição ao acesso à alimentação adequada em áreas vulneráveis.**

Resultados

A desaceleração do IPCA em junho para 0,24%, queda discreta de 0,02 ponto percentual em relação a maio, mantém o movimento de moderação nos preços ao consumidor, ainda que o ritmo de desinflação seja mais tênue. **No acumulado de 12 meses, a taxa subiu levemente para 5,35% (era 5,32% em maio), permanecendo acima da meta do Banco Central.**

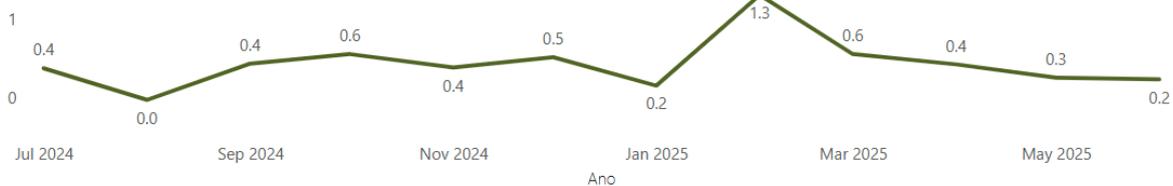
Dos nove grupos pesquisados, apenas Alimentação e Bebidas recuou (-0,18%), aliviando 0,04 p.p. do índice, enquanto Habitação (+0,99%) e Transportes (+0,27%) voltaram a pressionar. **O avanço de Habitação adicionou 0,15 p.p. ao IPCA, contrapondo-se à queda de aceleração nos preços dos alimentos,** fenômeno que combina queda na alimentação no domicílio (-0,43%) com desaceleração dos alimentos fora do lar (0,46%).

Dentro de Habitação, a energia elétrica residencial saltou 2,96% e, sozinha, respondeu pelo maior impacto individual do mês (0,12 p.p.), influenciada pela cobrança da bandeira tarifária vermelha e por reajustes expressivos em capitais como Belo Horizonte (+8,57%) e Porto Alegre (+4,41%). A tarifa de água e esgoto subiu 0,59%, acompanhando correções em Brasília (+9,88%) e Curitiba (+3,83%). **Embora tangenciais ao índice geral, esses dois itens expõem a persistência de pressões estruturais na conta de moradia.**

O ponto crítico permanece: ao contrário da alimentação, despesas com luz, água e esgoto são incompressíveis e não admitem substituição imediata nem postergação, sobretudo para famílias de baixa renda. Assim, mesmo com o alívio recente nos preços dos alimentos, a elevação contínua dos custos habitacionais restringe a capacidade de ajuste do orçamento doméstico e tende a deslocar o corte de gastos justamente para a alimentação, afetando a qualidade nutricional dos mais vulneráveis.

A mensagem de junho, portanto, não é apenas de desinflação, mas de mudança na composição da inflação, em que itens essenciais e difíceis de substituir, como habitação, avançam e mantêm o risco social elevado.

IPCA (%)



Varição Mensal da Inflação de Alimentos e Bebidas/Peso no IPCA



No mês de junho, **o grupo Alimentação e Bebidas, que detém o maior peso no IPCA**, encerrou uma sequência de 9 meses consecutivos de variações positivas. O recuo veio quase integralmente da alimentação no domicílio, cuja variação passou de 0,02% para -0,43%, **retirando cerca de 0,07 p.p. do índice geral**. Dentro dessa cesta, destacaram-se as quedas expressivas de ovo de galinha (-6,58%), arroz (-3,23%) e o grupo frutas (-2,19%), influenciadas, entre outras, pela laranja-pera (-9,19%). Cereais, leguminosas e oleaginosas também recuaram (-2,71%).

A melhora da oferta interna explica boa parte desse alívio. A colheita recorde de grãos reduziu os preços de milho e trigo, pressionando para baixo os custos das cadeias de proteína animal. Em São Paulo, o frango inteiro acumulou queda de -13,4% entre maio e junho, enquanto o preço dos ovos atingiu o nível nominal mais baixo dos últimos 6 meses, embora a média do primeiro semestre permaneça 15,8% acima da registrada em igual período de 2024. No mercado de café, a entrada da nova safra derrubou as cotações ao produtor e, se não houver geadas severas, **a tendência é de repasses ao varejo nos próximos meses.**

As condições climáticas relativamente benignas também contiveram a sazonalidade típica do inverno em lácteos e hortícolas. Mesmo assim, alguns itens pontuais registraram avanço: o tomate subiu 3,25%, e frutas como maracujá e manga enfrentam pressões combinando entressafra e demanda aquecida.

Em síntese, junho confirma a tendência de acomodação dos preços de alimentos iniciada no primeiro trimestre, com números expressivos: -0,18% no grupo como um todo, -0,43% na cesta do domicílio e recuos espalhados entre proteínas animais, cereais e frutas.

Este alívio é especialmente relevante para as famílias de baixa renda, pois coincide com avanços nos preços quase incontornáveis em despesas de Habitação, notadamente luz, água e esgoto. Reforçamos que no acumulado dos últimos 12 meses, temos uma trajetória benigna dos alimentos, corroendo o poder de compra e impactando a segurança alimentar dos mais vulneráveis.

- **Alimentos que impulsionaram a alta na inflação**

Alimentos	Varição no preço do alimento (%)	Peso do alimento na cesta total do consumidor (%)	Contribuição do item no IPCA (Var x Peso) - em p.p.
Manga	13,97	0,08	0,01
Tomate	3,25	0,28	0,01
Biscoito	1,02	0,47	0,00
Queijo	0,73	0,56	0,00

- **Alimentos que contiveram a inflação**

Alimentos	Varição no preço do alimento (%)	Peso do alimento na cesta total do consumidor (%)	Contribuição do item no IPCA (Var x Peso) - em p.p
Arroz	-3,23	0,63	-0,02
Ovo de galinha	-6,58	0,30	-0,02
Laranja - pera	-9,19	0,13	-0,01
Tangerina	-8,29	0,08	-0,01

Variações de preços

Sem considerar o peso da cesta, analisando apenas as variações de preços de cada alimento observadas em junho, frente a maio, destacam-se crescimento em: pepino (24,28%), pimentão (14,01%), manga (13,97%), morango (8,20%) e limão (6,18%).

Já em relação àqueles que apresentaram maiores quedas dos preços no mesmo período, destacam-se: laranja-lima (-15,86%), melão (-13,89%), laranja-baía (-11,14%), laranja-pêra (-9,19%) e peixe-dourado (-8,81%).

Regional

Em relação às Regiões Metropolitanas (RMs), Grande Vitória (0,14%), Porto Alegre (0,13%) e São Paulo (0,10%) foram os locais com maiores altas na inflação de alimentos em junho. O aumento em Grande Vitória se deve, em grande parte, aos grupos de Hortaliças e Verduras (2,90%) e Frutas (1,99%).

Nas RMs de Porto Alegre e São Paulo, as maiores altas no IPCA partiram do grupo tubérculos, raízes e legumes, com altas de 4,83% e 4,92%, respectivamente.

Por outro lado, Rio de Janeiro (-0,74%), Belém (-0,57%) e Belo Horizonte (-0,45%) apresentaram as menores variações no grupo de alimentos, ainda que positivas.



Inflação por faixa de renda

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) mede a variação de preços para famílias com renda entre 1 e 5 salários mínimos, enquanto o IPCA se refere a um universo mais amplo, de até 40 salários mínimos. Essa distinção permite observar como a inflação afeta diferentes faixas de renda.

Em junho, os dois índices registraram variação semelhante, 0,23% para o INPC contra 0,24% para o IPCA. No que se refere especificamente a alimentos e bebidas, a dinâmica é a mesma: o IPCA registrou variação de -0,18%, enquanto o INPC ficou em -0,19%.

Ou seja, embora os índices gerais tenham sido praticamente idênticos, as oscilações nos preços dos alimentos e bebidas, que pesam proporcionalmente mais no orçamento das famílias de menor renda, acabam repercutindo de forma mais sensível sobre o custo de vida desse grupo.

Preço dos alimentos saudáveis

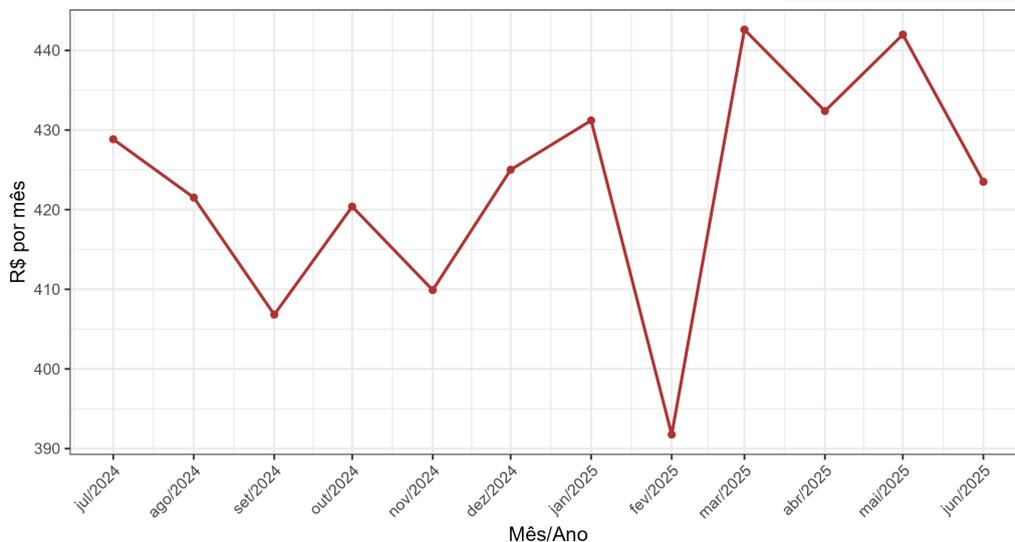
O Pacto Contra a Fome acompanha o custo da cesta NEBIN (Núcleo de epidemiologia e biologia da nutrição) coordenada pelo professor Eliseu Verly Junior, composta principalmente por alimentos in natura e minimamente processados, que são a base de uma alimentação balanceada, culturalmente referenciada e promotora de um sistema alimentar mais sustentável. A proposta do NEBIN¹, construída por pesquisadores da UERJ, USP e UNIFESP, segue as diretrizes do Guia Alimentar para a População Brasileira e da Comissão EAT-Lancet.

Nos gráficos a seguir, apresentamos o custo mensal da cesta NEBIN nos últimos 12 meses e em seguida a inflação por grau de processamento, aprofundando o debate sobre preço, acesso e qualidade da alimentação no Brasil.

¹ O projeto Cesta Básica de Alimentos Brasileira é composto pelos alimentos mais consumidos pelas famílias (POF 2017-2018, do IBGE). Estima quantidades médias de ingestão calórica em gramas para um adulto, ajustadas para cerca de 2000 kcal/dia. E o custo é ajustado mensalmente com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC).

Cesta básica NEBIN – custo mensal por pessoa (Brasil)

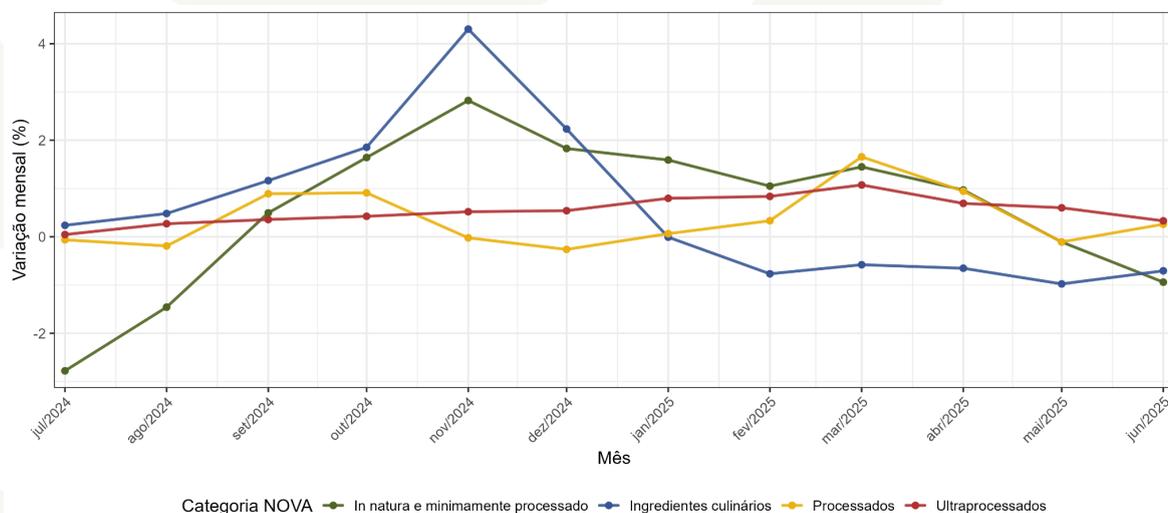
Período: jul/2024 a jun/2025



Em junho de 2025, o custo da cesta NEBIN alcançou R\$423 por pessoa, valor abaixo do último trimestre, alcançando um patamar similar ao de dezembro do ano passado, esse valor é menor que o valor de R\$ 431 desse mesmo mês no ano de 2024. Esses valores possuem um alívio para o período devido às safras, mas refletem uma melhora para alimentação saudável.

IPCA - inflação mensal por classificação NOVA

Média ponderada pelos pesos mensais de cada subitem



Categoria NOVA — In natura e minimamente processado — Ingredientes culinários — Processados — Ultraprocessados

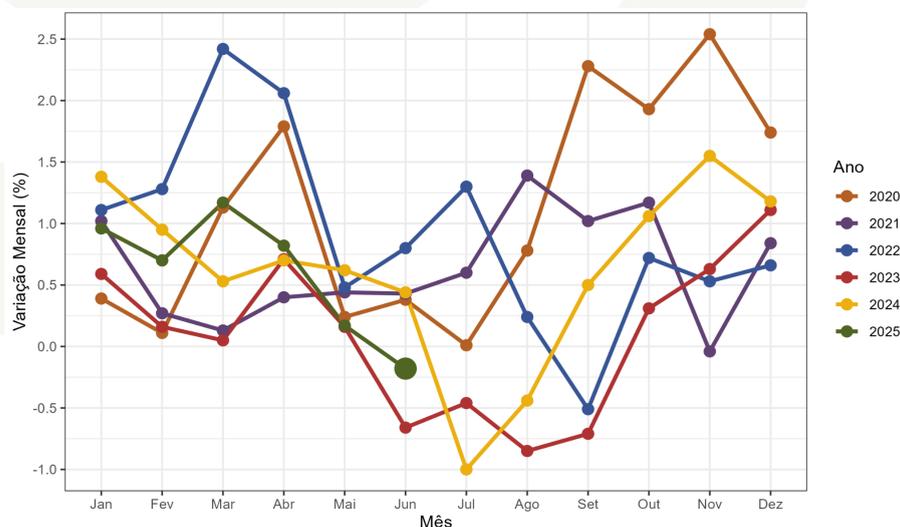
Em junho, alimentos in natura e minimamente processados (-0,94%) e ingredientes culinários (-0,70%) apresentaram uma desaceleração. Os processados (0,25%) e ultraprocessados (0,32%) apresentaram inflação mensal positiva.

No acumulado dos últimos 12 meses, os ultraprocessados variaram 6,48% e os processados 4,41%. Já a variação dos ingredientes culinários nos 12 meses acumulados foi de 6,57%, superior aos demais grupos.

Classificação NOVA		
In natura e minimamente processados	Frutas, legumes, cereais, ovos, pescados e carnes frescas	-0,94% variação (junho)
Ingredientes culinários	Itens utilizados no preparo de alimentos como óleo vegetal, açúcar, gorduras e sal	-0,70% variação (junho)
Processados	Pães, queijos e conservas	0,25% variação (junho)
Ultraprocessados	Refrigerantes, biscoitos, salgadinhos e embutidos e outros produtos com alto teor de açúcar, sódio e sal aditivos	0,32% variação (junho)

Considerações finais

Variação mensal do preço de Alimentos e Bebidas (IPCA) por mês e ano (%)





Em junho, o IPCA avançou apenas 0,24 %, **menor leitura para o mês desde 2023, mas não significa, automaticamente, queda de preços nas gôndolas.** O motivo é que a forma como as indústrias e o comércio (o varejo) repassam essa redução de custos para o consumidor não é igual para todos os produtos e em todas as situações.

Nesta edição, nos apoiamos em uma análise das elasticidades-renda da demanda para ajudar a explicar parte desses movimentos observados no Boletim de junho. A lente das elasticidades-renda é indispensável para entender por que o recuo recente em **Alimentos e Bebidas pode ou não se traduzir em alívio efetivo no orçamento das famílias e quais estratos sociais se beneficiarão primeiro.**

Antes de mergulhar nos resultados, vale lembrar que a elasticidade-renda varia, em geral, entre 0 e 1: um valor próximo de 0 indica que o consumo praticamente não muda quando a renda cresce, enquanto um valor próximo de 1 significa que o gasto aumenta quase na mesma proporção da renda.

Os números da POF 2017-2018 mostram que itens básicos, como arroz e feijão, já apresentam elasticidades próximas de zero entre os estratos de renda mais altos, enquanto permanecem positivas entre os mais pobres. **Isso significa que, mesmo no atual cenário de moderação dos preços desses alimentos (-3,23% para o arroz em junho), a expansão do consumo continua concentrada nas famílias de baixa renda, aliviando parcialmente o impacto de custos incompressíveis, como luz e água, que avançaram 2,96% e 0,59%, respectivamente.**

Para produtos com maior valor agregado e que trazem benefícios nutricionais como: frutas, laticínios, hortaliças e pescados as elasticidades-renda superam 1, sobretudo nos dois quintis inferiores, evidenciando uma forte sensibilidade ao poder de compra. **Na prática, isso significa que choques inflacionários nesses itens corroem mais rapidamente o orçamento alimentar dos grupos vulneráveis.**

A carne bovina ilustra bem o papel das elasticidades na formação de preços. Estudos baseados na POF indicam elasticidade elevada em todos os estratos, com pico nas rendas médias, o que explica a “resistência” da arroba a repassar plenamente o câmbio valorizado e a safra recorde de grãos. Mesmo com a queda de preço de outros insumos, a demanda permanece relativamente inelástica, sustentando margens na cadeia. Para o curto prazo, a desaceleração geral dos alimentos (-0,18% em junho) deve continuar ancorada em proteínas mais baratas,

principalmente frango e ovos, cujas elasticidades são altas entre os mais pobres, mas decrescentes nas rendas superiores. Esse padrão limita a transmissão de altas de custos e confere alguma previsibilidade às cotações de proteínas alternativas.

Do ponto de vista distributivo, entender essas elasticidades é crucial. Quando a renda disponível aumenta, programas como o Bolsa Família não apenas elevam o volume de alimentos consumidos; eles induzem uma substituição em direção a itens mais nutritivos. Isso confirma que políticas de transferência de renda podem funcionar como amortecedor de choques inflacionários e, simultaneamente, como catalisador da qualidade da dieta².

Por fim, a combinação de câmbio apreciado, safra farta e recomposição da massa salarial cria uma “janela” para ganhos reais de bem-estar, mas ela é estreita e desigual. **A habitação continua subindo quase 1% ao mês e pesa mais nos orçamentos dos mais pobres, impondo o risco de um deslocamento de gasto que volte a sacrificar a alimentação.**

Monitorar continuamente preços, renda e seus impactos é parte integrante da estratégia de vigilância do Pacto Contra a Fome para antecipar pontos de tensão e calibrar respostas de política pública.

² Segundo o suplemento de alimentos da PNADC, a renda dos 5% mais pobres provém majoritariamente de programas de assistência social, especialmente o Programa Bolsa Família.



Ficha técnica

Caio Sousa

Analista de inteligência estratégica

Eliseu Verly Junior

Coordenador vinculado ao Núcleo de Epidemiologia e Biologia da Nutrição, Departamento de Epidemiologia, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Felipe Amorim Pereira

Consultor

Luan Paciencia

Consultor

Sulamita Santana

Coordenadora de inteligência estratégica

Ricardo Mota

Gerente de inteligência estratégica

Walter Belik

Consultor Instituto Fome Zero